

**FILOSOFIA AFRICANA E PRÁXIS ANCESTRAIS FEMININAS:
A SABEDORIA QUE “RENASCE” COM VESTES DE DIAMANTE**

**AFRICAN PHILOSOPHY AND FEMALE ANCESTERS PRAXIS:
THE WISDOM THAT "IS REBORN" WITH DIAMOND ROBES**

Adilbênia Freire Machado¹

Recebido em: 07/2020

Aprovado em: 07/2020

Resumo: Este artigo tenciona dialogar brevemente sobre os saberes ancestrais femininos nas filosofias africanas. Para isso, apresenta uma crítica à forma como as mulheres são apresentadas no pensamento filosófico ocidental e a sua *ausência* na construção do pensamento da filosofia africana contemporânea, propondo a descolonização do conhecimento e de todos os sentidos. Assim, privilegiamos as vozes de mulheres negras africanas e da diáspora, falando a partir das enunciações do cosmoencantamento, do *ser-tão* que nos habita, da escuta sensível e do feminino que nos tece desde memórias ancestrais.

Palavras-chave: Cosmoencantamento; Saberes Ancestrais Femininos; *Ser-tão*; Escuta Sensível

Abstract: This article intends to discuss briefly the female ancestral knowledge in African philosophies. For this, it presents a critique of the way women are presented in Western philosophical thought and their absence in the construction of contemporary African philosophy thinking, proposing the decolonization of knowledge and all senses. Thus, we privilege the voices of black African women and the diaspora, speaking from the enunciation (actions) of the cosmoenchantment, the being-such that inhabits us, the sensitive listening and the feminine that weaves us from ancestral memories.

Keywords: Cosmoenchantment; Female Ancestral Knowledge; Be-such; Sensitive Listening.

Filosofias

*Dizem-se muitas mentiras em nome da Filosofia
Com palavras rebuscadas enrolam-se as mentes
Mente-se sobre raças, continentes e pessoas
E sacralizam-se os crimes contra a humanidade*

*As lutas pela liberdade não são apenas guerras
E nem terminam com o hastear das bandeiras
Lutar pela liberdade é desconstruir mentiras
Consagradas como verdades nas bibliotecas do mundo*

Na nova etapa das nossas lutas

¹ Doutora em Educação (UFC), Mestre em Educação (UFBA), Bacharela e Licenciada em Filosofia (UECE). Faz parte do NACE (Núcleo das Africanidades Cearenses)/UFC; Rede Africanidades (UFBA), AAFROCEL (Academia Afrocearense de Letras); ABNP (Associação Brasileira de Pesquisador@s Negr@s) e Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. E-mail: adilmachado@yahoo.com.br

*Quebramos as supostas verdades uma a uma
Quebraremos os mitos entre o animal e a raça
Mesmo que o trabalho dure uma eternidade*

*Somos a esperança e o futuro que se avizinha
Somos a nova semente no ventre do amanhã
Seremos árvore sagrada de raízes seculares
Cujos ramos tangerão o umbigo do infinito*

Paulina Chiziane – O Canto dos Escravizados

Abrindo caminhos

Este artigo tem o intuito de dialogar sobre a filosofia africana desde vozes femininas, privilegiando vozes de mulheres negras, o cosmoencantamento e o ser-tão que há em nós. Nesse sentido, compreendo que falar a partir do feminino é refletir desde uma perspectiva antirracista, dialógica, pautada por liberdade de expressão, construção e formação, de ser e dar sentidos, de criar, de gerar, isto é, discorrer a partir de quem possibilita a própria existência. Vozes encantadas e que encantam.

Sabemos que historicamente o patriarcado criou a ideologia de gênero, numa perspectiva em que é dado fundamentalmente ao homem (europeu, branco, heteronormativo) o direito de falar (e ser escutado). Nesse sentido, produziram discursos e buscaram, incessantemente, invisibilizar, apagar e negar os saberes oriundos das mulheres... Assim como condenaram o feminino. Entendemos que é fundante a existência do lugar de fala e de escuta, ou seja, a escuta sensível, o reconhecimento e respeito a todas as existências, pois essa escuta perpassa nossa relação ancestral com a vida e o mundo, é delineada pelo encantamento (MACHADO, 2019a).

Discorrer acerca do feminino é ponderar desde a interseccionalidade própria de existências marcadas pela opressão oriunda do racismo, do gênero, da sexualidade e da classe social. Muitos marcadores que nos oprimem cotidianamente. Sueli Carneiro (2003, p. 129) considera que, “pensar a contribuição do feminismo negro na luta antirracista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização social”. Portanto, a mulher negra representa a interseccionalidade de gênero, raça e classe, reconhecendo que “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14). Nessa esteira que “o projeto feminista negro desde sua fundação trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios, de classe, cisheteronormatividades articuladas em nível global” (Ibid, p. 18).

Cabe ressaltar que o feminino é coletivo, um coletivo que fala, expressa a existência

humana, cuida, co-cria, acolhe, cura. Dessa forma, a escuta sensível é fundante, pois implica-se na potencialização da vida, saída da perspectiva destrutiva e autodestrutiva imposta pelo patriarcado que carrega impregnado em sua existência o racismo, a misoginia, etc. O feminino não é negativo, nem docilizado como deseja o patriarcado. É a potência espiritual, ética, estética, política, cultural, social, do direito de ser, de viver a energia feminina que há em cada uma de nós. O feminino é insurgente! Encantador e Encanto! Ancestralidade ontem, hoje, e amanhã... É a possibilidade de ser da própria existência. Por ser encantado tem a ampliação da liberdade e do bem-viver como preponderantes em suas tessituras. Falamos de um feminino desde o contexto oriundo da cosmopercepção² africana em diálogo com a filosofia, já que a filosofia africana e a filosofia africano-brasileira nascem do encantamento! Esta é uma implicação contínua com a potência da existência em todos os sentidos, é implicação com a descolonização (epistemológica, sensorial, corporal, ética, estética, política, cultural), o antirracismo, a luta contra o patriarcado, o sexismo, o genocídio, e o epistemicídio.

Pensar a partir das filosofias africanas é refletir desde cosmopercepções comunitárias, é teorizar / criar / fazer / ser desde o corpo inteiro, sentimentos, ações, razão... é criar / teorizar contra uma hegemonia machista que supervaloriza o “racional” em detrimento de um corpo que sente... é tecer saberes desde o cuidado, com cuidado, sempre em relação, respeito e desejo pelos sons das diversas existências que implicam mudanças de paradigmas: Cosmossensações! Pois a filosofia africana é pautada por uma ética do cuidado (MACHADO, 2019a).

A filosofia é um lugar de criação. Criação de mundos delineados por escutas e percepções sensíveis, tecidas por reflexões críticas. Entretanto, há séculos tem sido um lugar de colonização do conhecimento, de fundamentação do racismo e do sexismo (MACHADO, 2019). Como bem nos sinaliza Paulina Chiziane (2018, p. 115), em forma de poesia:

Dizem-se muitas mentiras em nome da Filosofia
Com palavras rebuscadas enrolam-se as mentes
Mente-se sobre raças, continentes e pessoas
E sacralizam-se os crimes contra a humanidade...

As filosofias africanas, em certa medida, também são marcadas pela invisibilidade dos pensamentos filosóficos de mulheres. Há cerca de dezesseis anos de pesquisas em torno das

² Trabalhamos com o conceito de Oyèrónké Oyèwùmí que compreende a cosmopercepção como “uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (...) que podem privilegiar sentidos que não sejam apenas o visual, mas uma combinação de sentidos” (OYÈWÙMÍ, 1997). Adil, mudei porque perspectiva ainda remete à visão, é uma metáfora visual.

filosofias africanas o acesso à textos de filósofas africanas ainda permanecem difíceis. Percebemos que as mulheres negras não são escolhidas como temas da presente filosofia. As mulheres não são traduzidas, são raros os trabalhos que chegam em terras brasileiras, mesmo os que não foram traduzidos. Denota-se que a filosofia africana contemporânea, pautada pela diversidade, ainda que seja marcada pelo retorno às suas tradições, aos saberes delineados pelos femininos, tem sido tecida pelo patriarcado, que silencia vozes de pensadoras africanas. Conforme esse pano de fundo, percebemos que “o lugar do pensamento para as mulheres negras não está dado. Na filosofia de um modo geral há uma construção racista e sexista em relação ao seu estatuto intelectual, que as relega a marginalidade e ao desprezo” (ROCHA, 2014, p. 10). Desse modo, “possuímos uma filosofia que ignora as pensadoras negras, e cria a sensação da completa ausência de seu pertencimento a ela” (Ibid, p. 16).

Breve caminhar: mulheres na História da Filosofia

A hegemonia e expansão euro-americana é uma das características da chamada era moderna e “em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre comportamento humano, história, sociedades e culturas”, como nos salienta a nigeriana iorubana Oyèrónké Oyèwùmí (2004, p. 01). Desse modo, seus “interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais, categorias sociais” (Idem) dominam a escrita de nossa história, promovendo a “racialização do conhecimento” (Idem), onde a Europa coloca-se como a única fonte de conhecimento, ou seja, os europeus (homens cis brancos) colocam-se como os únicos capazes de conhecer, de aprender, de ensinar, de escrever, de filosofar, etc., e o resto do mundo é colocado à margem do conhecimento (MACHADO, 2019b). Para Sueli Carneiro (2005, p. 97) o epistemicídio se configura:

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de seqüestro da razão em

duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações.

Em suma, o epistemicídio é a negação da humanidade de outros povos, fundamentalmente, os africanos, justificando a colonização a que grande parte do continente fora submetida. Negação com intuito de controlar *mentes e corações*, e assim destruir sua ancestralidade, seu pertencimento, e seu encanto. Sabemos que “a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação” (hooks, 2017, p. 44).

Na filosofia ocidental “a figura masculina ainda aparece em lugar de protagonismo, baseando-se em teorias arcaicas de que a mulher é intelectual e biologicamente mais fraca do que o homem” (SIQUEIRA, 2017, p. 217). Essa criação de uma:

identidade negativa para a mulher vem desde os mitos de criação³: Eva é feita a partir de uma costela de Adão, suprimindo, porém, uma necessidade do homem, que não deve ficar sozinho! [...] simboliza a tentação, além de ser considerada a responsável pela perda do paraíso terrestre. (MONTEVECHIO, 1991 *apud* THEODORO, 1996, p. 45).

A descolonização do conhecimento, dos sentidos, implica-se em uma ação contínua no intuito de mudarmos essas perspectivas, de destruir tal falácia. A partir desse estado de coisas que o “contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01), não apenas as realidades africanas, mas também da sua diáspora e da América Latina. A diáspora e a América Latina são fundantes no processo para desconstruirmos e destruir a falácia de que foram os homens que construíram a história, já que “o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade” (Idem). Assim, “o uso do masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2019, p. 108) e as mulheres negras a não existência da não existência, a negação da negação, o *outro do outro*, o

³ Gregos, cristãos.

não ser do não ser (CARNEIRO, 2005; ROCHA, 2014).

Contudo, nós mulheres negras somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes, de cultura, da história... Somos fundantes na construção de tudo o que existe. Sem a mulher não há vida! Nesse sentido, não apenas a estrutura do conhecimento deve ser mudada, mas também o modo como tal estrutura é escrita, (per)passada e falada, pois “o epistemicídio opera em estreita consonância com o dispositivo de racialidade na afirmação da hegemonia branca masculina na filosofia, e na deslegitimação das mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico” (ROCHA, 2014, p. 15).

É importante frisar que entendemos a diversidade das mulheres, especialmente as negras, pois “não somos todas iguais, nem somos completamente diferentes. Contrariando as vozes que o racismo e o machismo propagam, afirmamos aqui nossa Humanidade. Nossas similitudes portanto” (WERNECK, 2006, p. 09). Falamos desde vozes e experiências plurais que tem o feminino como base. Mulheres encantadas, encantadoras e guerreiras, vozes que buscam potencializar o bem-viver, criar outros mundos, onde a ampliação e afirmação da liberdade e da ancestralidade são preponderantes da estética potencializadora da vida em todos os aspectos. Re-afirmamos: a ancestralidade é a potência da justiça para o viver!

Ante o exposto, tenciono apresentar breves reflexões sobre descolonização dos sentidos (ser / fazer / aprender / ensinar / conhecer / sentir), do afeto, do pensamento, na busca de contribuir com uma mudança de paradigmas, de descolonizações teóricas, metodológicas e curriculares, semeando filosofias e uma educação engajada e libertária, visto que “as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática de liberdade” (hooks, 2017, p. 45). Desse modo, “o reconhecimento da diversidade cultural”, “repensar os modos de conhecimento”, “desconstrução das antigas epistemologias”, “transformação [...] de como ensinamos e do que ensinamos” são revoluções necessárias (Idem), onde:

Tod[a]s nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (hooks, 2017, p. 50).

Tencionamos percorrer horizontes alicerçados nas construções epistemológicas, poéticas, ancestrais, de mulheres que tecem o aprender cotidiano, dialogando com a filosofia africana, a filosofia africano-brasileira que são compreendidas como plurais e que são tecidas

pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento, ligada à compreensão de Evelyn C. White (2006, p. 07) de que:

O que os colonizadores não entenderam foi a profundidade das nossas alianças. Quando nos arrastaram da África para os portos do Haiti, Jamaica, Cuba, Mississipi e Brasil, não sabiam que nossos corações separados continuariam a bater como se estivessem em um só corpo. E que nossas vozes, mesmo fraturadas, continuariam cantando unísono.

Nossas raízes ancestrais seguem pulsando e cantando! Seguem dançando... Assim, falando de filosofia, parto da compreensão de Aline Matos da Rocha (2014, p. 105) de que “a filosofia habita sobre um solo reflexivo, que nos coloca em um constante estado de inquietude diante do que nos é apresentado, propiciando um confronto conosco mesmo/a e o Outro, na tentativa de realização plena do humano”. Desse modo, compreendemos que “a filosofia não pode se furtar de colocar a si mesma no centro de suas reflexões, confrontando sua produção de conhecimento, seu currículo e ensino” (Idem). Em consonância com a autora, colocar a filosofia em xeque, resulta, também, em fazer vir à tona o patriarcado, o machismo, o colonialismo, a negação da Outra, a negação de fala, a não escuta... Portanto, é imperativo pensar / gerar / criar / filosofar desde outras perspectivas, desde existências coletivas, culturas locais, desde vozes negadas, como as vozes femininas, numa perspectiva de mudança da estrutura dos conhecimentos vigentes.

Mais do que nunca é necessário compreendermos o conhecimento, as sabedorias como plurais, diversas, nesse sentido, potencializar, divulgar produções femininas, pois as produções de mulheres são fundamentais para questionar e desconstruir os chamados cânones do conhecimento, isto é, os teóricos da Europa e Estados Unidos, as teorias coloniais e machistas, cujas “bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe” (THEODORO, 1996, p. 45) e não é africana e nem indígena.

Helena Theodoro (1996) faz uma breve reflexão da mulher na filosofia ocidental. Segundo a autora, Platão no “*Timeu*, sugere mesmo que a mulher teria sido a reencarnação da alma de um homem que, em vida anterior, tivesse dissoluto e que agora recebia castigo” (1996, p. 46). Aristóteles em a *Política I*, afirma que “na relação homem-mulher, ambos se ajudam mutuamente, sendo o homem o beneficiador e a mulher a beneficiada” (Idem), na *Política VI* ele afirma que “a vasta maioria dos seres humanos (entre eles os escravos e mulheres) deve viver para servir a uns poucos privilegiados” (Idem). Tais afirmações mostram um pensamento machista, assim como racista. Helena Theodoro afirma que:

As posições de Tomás de Aquino, apoiadas em Aristóteles, influenciaram profundamente o pensamento renascentista sobre a mulher, consolidando a condição de inferioridade da mesma, explicada por várias vias. Os pontos essenciais do Tomismo, segundo Abbagnano (cf. Abbagnano, 1982) foram considerados e defendidos pelas correntes medievais e modernas, sendo que no final do século 15 o foco das diferenças entre o homem e a mulher sai do plano físico para o psicológico, em função de reflexões tomistas em torno da inferioridade física feminina. (Idem).

Segundo o filósofo Jean Jacques Rousseau, ser mulher “significa ter uma condição esquizofrenizante, pela dicotomia entre ser *santa e tentadora*, arquétipos femininos antigos, personificados em Eva e Maria, na tradição judaico-cristã” (THEODORO, 1996, p. 46). Helena Theodoro (Ibid, pp. 46-47, grifos da autora), discorrendo sobre Rosseau, sinaliza que em:

Emile, situa a família como sagrada e consagra a fragilidade do sexo feminino, criando uma certa monarquia doméstica, decretando a incapacidade civil da mulher, além de apresentar três pontos justificadores do *pater familias* (cf. Saporiti, 1985): 1º - deve haver uma autoridade final para decidir no caso de haver divergência de opinião; 2º - a mulher, por sua função na reprodução, é inferior ao homem; 3º - é indispensável que o homem tenha autoridade sobre sua mulher para ter certeza de que os filhos dela são seus.

São pensamentos como esses, dos chamados “cânones” da filosofia ocidental, que permeiam nosso cotidiano e fundamentam a sociedade atual, supervalorizando o masculino em detrimento do feminino, onde:

As mulheres carregam as condições determinadas historicamente pelos homens, sendo possuidoras de vários defeitos: histérica, faladora, caprichosa, frágil, incoerente, passiva, medrosa, fútil. Já os homens são sempre vistos como criativos, decididos, lúcidos, combativos, organizados, objetivos, amantes da ciência etc. (Ibid, p. 47).

Todavia, há comunidades anteriores à colonização que compreendem o feminino e o masculino como complementares. Segundo Helena Theodoro (1996, p. 47), Blanca Montevechio ressalta que:

Estudos feitos por Margaret Mead em três tribos chamadas de *primitivas* apresentam definições de comportamento feminino e masculino completamente opostos aos que hoje usamos no chamado *mundo civilizado*, sendo que a estrutura social prescreve uma série de funções para o homem e para a mulher como próprias e naturais de cada gênero, bem como expectativas de feminilidade e masculinidade complementares, ligadas ao

desenvolvimento individual, além das opções de valores apresentadas em função da situação vivida por cada um na comunidade. Não existem atitudes consideradas negativas para as mulheres e positivas para o homem.

As entrelinhas dos ditos revelam muito do sagrado que há em nós, entrelinhas que a colonialidade, o machismo, tentaram apagar e sufocar, mas que estão em nosso íntimo. A sabedoria da complementariedade própria da natureza do ser africano, tecido pelo feminino ancestral. Um feminino sagrado, seio da vida. Um feminino que constitui as mulheres que costumam, crocheteiam, bordam e pintam a teia da(s) nossa(s) existência(s). O pensamento ocidental, patriarcal, racista, precisa compreender que é “preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”⁴, visto que:

As mulheres negras estão mobilizadas desde sempre, mas esse protagonismo não era apontado, não era reconhecido. Se eu conto a história, por exemplo, de minha mãe, de minha tia e de outras mulheres negras que me antecederam, você vai ver que, a partir dos seus espaços de vida, essas mulheres se posicionam e sempre se posicionaram, de uma forma ou de outra. Se você for pensar na memória ancestral brasileira, por exemplo no candomblé, as grandes guardiãs foram as mulheres, as grandes mães-de-santo, as grandes cuidadoras de orixás são mulheres. Então, me parece que essa movimentação, essa atuação, essa procura de formas defensivas, de formas de resistência e também de formas de ataque, as mulheres negras construíram isso ao longo dos séculos. E hoje esse protagonismo é reconhecido através da nossa própria imposição. De um modo geral, o que nós conquistamos não foi porque a sociedade resolveu nos abrir a porta. Foi porque realmente forçamos a passagem. (EVARISTO, 2018).

O filósofo Jean-Godefroy Bidima (2002, p. 02-03) apresenta uma memória *crítica* do início da filosofia africana contemporânea. Para o autor (2002), a discussão acerca da identidade da filosofia africana, que aconteceu durante muitos anos em seu início, implica em dois fardos: o *fardo do anúncio* e o *fardo do colonizado* (MACHADO, 2020). Bidima (2002) considera que é necessário criarmos, filosofarmos sem estarmos presas aos fardos do anúncio, ou seja, de uma filosofia delineada pelo pensamento ocidental, e ao fardo do colonizado que implica na necessidade de provar a existência da filosofia africana. Assim, é necessário ultrapassarmos os “tiques de escrita e hábitos relativos às escolhas temáticas” (BIDIMA, 2002, online). De acordo com Bidima, esses tiques de escrita e de hábitos em relação às escolhas de temas se dão em três níveis. O nível 01 é:

⁴ Duzu Querença em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo.

Quando esses discursos pensam o *Outro*, eles subentendem o ocidental. São discursos que funcionam em uma dialética de rejeição, de reconhecimento, de assimilação e de imitação do outro que não é senão o ocidental. O hábito colonial limitou essas filosofias a olharem somente o ocidente. (BIDIMA, 2002, p. 05).

É necessário voltarmos nossos olhares para as pessoas, para nossa própria humanidade, nos colocarmos como centro. Valorizar nossos saberes, nossas culturas e nossos modos de ser/estar no mundo. Nesse sentido, Bidima nos apresenta o nível 02 que está relacionado às epistemologias:

Sobre o plano *epistemológico*, são discursos que dialogaram bastante com a etnologia, a literatura e a antropologia política. Faltou a esses discursos uma reflexão sobre o *direito* (a punição, a confissão, a reparação etc.), sobre a *economia* (o papel do dinheiro, as noções de dívida, de valor) e sobre a *psicanálise*. O papel do inconsciente, se se pode se dizer com certeza, como alguns, que ele é estruturado como uma linguagem, pode constituir o objeto de uma análise antropológica na qual se poderia notar as proibições fundadoras de toda sociedade. (BIDIMA, 2002, p. 05).

Esse ponto traz a crítica em torno da descolonização dos sentidos, da linguagem, do pensamento: “Fanon denunciou o discurso eurocêntrico que insistia em denominar as colônias de: terras sem saber, estéreis, para o conhecimento válido das ciências e da filosofia. Numa frase, propôs a descolonização do pensamento” (NOGUERA, 2014, p. 43). Descolonizar o pensamento implica na compreensão de como o racismo atua na economia, na educação, na cultura, na história, na validação dos nossos direitos e na contribuição da resolução de diversos problemas psicológicos oriundos da destruição imposta pela colonização, da sua desumanização.

Por fim, temos o terceiro ponto, que é um ponto central para a perspectiva que proponho aqui. Bidima (2002, p. 05, grifos do autor) diz que “em relação às vozes que representam os atores e as temáticas dessas filosofias, as *mulheres e as crianças* estão ausentes”. Esse é um ponto importante: a ausência de mulheres, (ainda que tenha uma presença precípua do feminino) nas temáticas da filosofia africana, na sua divulgação, assim como a ausência das crianças. É importante demarcar que compreendo o pensamento africano delineado, crocheteado pelo materno, pela perspectiva matrilinear, entretanto, as vozes femininas são silenciadas à medida que o pensamento africano vai sendo escrito e divulgado por vozes masculinas, isto é: pela filosofia profissional que é marcada pelo patriarcado, pela colonização, por um currículo colonizado e colonizador. Ao apresentar os três pontos, Bidima (2002, p. 05) afirma que há

uma:

Falência de um pensamento da alteridade entre os filósofos africanos em benefício de um pensamento da identidade (africana), em todo caso, a questão da identidade se encontra na constituição da “memória africana” tornado o ponto nevrálgico pelo qual a história africana se reconstitui.

A memória africana é ancestral, é a tradição que perpassa o tempo e a geografia, que se atualiza no movimento próprio da existência. É feminina, é fonte, chegada e partida, são caminhos e encruzilhadas. Nossos novos/velhos tempos estão tecidos por tradições e ancestralidade viva! Encantada! Feminina! Pensar / criar a filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos é voltar-se ao nosso chão, é aprender desde a esteira, como nos ensina Paulina Chiziane (2014, on-line) ao nos dizer que:

O defeito de muitos intelectuais africanos, hoje, é depender de matérias preparadas por outras pessoas. Durante mais de 500 anos [as pessoas] african[a]s foram ensinad[a]s a renegar-se. Quando se fala de ser negro, africano, conhecer a sua própria cultura, a pessoa salta em respeito dos dogmas que vêm com igrejas, religiões e formas de conhecimento estrangeiras, que ensinam que os africanos estão nas trevas, que o curandeirismo é coisa do diabo e que um bom cristão não deve tocar nisso. Objetivo: embranquecer as vossas mentes, obrigar-vos a curvarem-se diante deles, esvaziar os vossos bolsos, já pobres de natureza. Mas uma coisa é certa: nunca haverá uma filosofia africana, apenas a partir de um livro da Europa. A intelectualidade africana começa na esteira.

A esteira é o nosso chão de pertencimento, são as nossas experiências, nossos saberes, nossos valores, nossos sentidos. Histórias tecidas por bocas e ouvidos afetuosos, ou seja, ouvidos que desejam ouvir e aprender com a ancestralidade, desde um corpo inteiro. Que é comunitário, e nossas vivências/experiências comunitárias “estão lastradas em princípios e valores humanos que consideram a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o *ser* e tudo que pode ser respeitado como vida no planeta. Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções”, como nos ensina Vanda Machado (2013, p. 42). Portanto, as mulheres não estão na filosofia apenas como estudantes de graduação e pós-graduação, estão na sua constituição, no mais íntimo da filosofia africana e de sua diáspora. Nesse sentido, pensar novas travessias, novos horizontes, é fundamental!

Em face do exposto, venho propondo pensar as filosofias africanas, a partir de pensamentos tecidos em terras brasileiras, em diálogo com os saberes ancestrais femininos, conversando com os saberes de mulheres negras. Sabendo e reconhecendo que são os saberes

ancestrais femininos que tecem o cerne das filosofias africanas, das filosofias da ancestralidade e do encantamento, pois *nossos passos vêm de longe*.

Pensamos essa filosofia delineada por vozes femininas, demarcada por uma indisciplina própria do nosso modo de sermos múltiplas, sagazes... da nossa liberdade de gerar, criar, aprender, ensinar, errar, re-começar, sentir, ser, cuidar, de nossas fases traçadas junto à natureza. Onde o cuidar aparece como potencialização das existências e não como abnegação. Encantamento pela flexibilidade própria do nosso modo de ser / fazer / estar no mundo! Não há intenção de pensar um feminino que exclui o masculino. Portanto, é importante compreender, semelhante à burquinense da etnia Dagara, Sobonfu Somé (2003, p. 48), que:

Ser mulher não significa que a pessoa não tem nada a ver com a energia masculina. Da mesma forma, ser homem não quer dizer que a pessoa não tem nada a ver com o feminino. Vaginas e pênis não são as únicas coisas que definem nossa natureza sexual. Nossa vida é influenciada pela presença, dentro de nós, das energias masculina e feminina. É importante que essas energias estejam em harmonia dentro de nós.

Somos energias criativas e é fundante potencializarmos todas essas energias, harmonizando, entendendo que feminino e masculino são plurais, abertos, complementares, um não é superior ao outro, um está no outro. O feminino é a possibilidade da existência de uma comunidade e também é quem possibilita sua continuidade. O feminino é a potência do cosmoencantamento e as mulheres representam a vida que há em cada uma de nós, em cada ser existente. Ao pensarmos na diversidade da existência, pensamos o feminino de modo plural, portanto, femininos.

Práxis Ancestrais Femininas

A filosofia africana é uma filosofia de raízes, ancestral, portanto, das experiências, dos sentidos, do sentir, da intimidade, da escuta sensível, do corpo que nunca é individual, mas coletivo... Pois, o pensamento africano é da diversidade, não uma diversidade que separa, ao contrário, une, é um pensamento que deseja e acolhe essa diversidade, já que somos de corpo inteiro em busca de equilíbrio. Somos interdependentes numa relação contínua com a natureza, com a comunidade. Vanda Machado nos ensina que “a comunidade e a pessoa são uma coisa só. Um rebuliço com um membro da comunidade e todos são afetados. Somos elos de uma mesma corrente. Galhos e folhas de uma mesma árvore. (2013, p. 60).

Segundo Ronilda Ribeiro (1996, p. 43-44), cada pessoa resulta “da articulação de elementos estritamente individuais herdados e simbólicos”, nesse sentido, os elementos herdados situam as pessoas “na linhagem familiar e clânica” (Idem), já os elementos simbólicos posicionam as pessoas “no ambiente cósmico, mítico e social”. Desse modo, resultamos da união da natureza com o divino. Somos síntese de tudo que compõe o universo, somos parte do todo e o todo de uma parte, numa interação contínua entre a natureza e o sagrado (MACHADO, 2019).

Na perspectiva ketu, segundo Kiusam de Oliveira (2008, p. 84), em diálogo com Ronilda Ribeiro (1996, p. 109):

A pessoa tem seu aspecto individual [pessoal, subjetivo] que não pode ser considerado fora do contexto da organização social e das instituições às quais pertence. Vale dizer, portanto, que a pessoa tem seu lado individualizado, único, que é constituído nas relações sociais, no coletivo, por conta do que constitui a pessoa: ará (corpo físico), ojiji (sombra), okan (coração), emi (respiração, princípio vital) e orí, que vem a ser a cabeça, essência real que carrega a coroa.

Portanto, a pessoa compreendida desde a cosmopercepção africana é “constituída por aspectos naturais e divinos, harmoniosamente articulados e complementares” (OLIVEIRA, 2008, p. 84). Em nossos corpos e corações carregamos *sombras* da ancestralidade que nos permite ser, respiramos o axé que ela carrega e alimentamos o orí ao reconhecer a comunidade que há em nós e que nos permite ser. Desse modo, refletir a pessoa desde a cosmopercepção africana é compreendê-la de corpo inteiro, um ser que produz conhecimento tecido pelos sentidos, por vivências e experiências reunidas em *nossas* escrevivências (EVARISTO, 2018).

Pensar / criar / tecer a filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos é implicar-se em uma relação íntima com nossa humanidade, nos valorizando e nos reconhecendo como potência para a vida e assim reconhecer a potência que existe em cada pessoa, reconhecer e contribuir para que cada uma de nós também encontre e aceite a potência que há em si e em todas as pessoas.

Desejamos as descolonizações que buscam potencializar o feminino que há em nós, potencializando as estéticas de sentidos do encantamento, da implicação com mundos melhores, com o bem viver... Que nossas escritas sejam reconhecidas como fontes para a filosofia africana e afrodiaspórica, posto serem filosofias tecidas pelo feminino, pois “nossas ações atuais carregam fundamentos plantados no tempo. ‘Nossos passos vêm de longe’, afirmamos sempre” (EVARISTO *apud* CARNEIRO, 2018, p. 09). Que a ancestralidade africana e o encantamento

re-inventem nosso modo de ser / pensar / sentir / agir, modo de implicar-se com a construção de um mundo melhor demarcando conhecimentos afrorreferenciados, reescrevendo a filosofia africana contemporânea, construindo conhecimentos descolonizados e implicados com um corpo que conhece, sente, deseja, cria, re-cria, transforma!

Esses aprendizados são anunciados por experiências / vivências que emergem de uma cultura plural, orgânica, que tem o ser humano e a natureza como fonte. Aprendizados orientados por princípios coletivos, ancestrais, horizontais, encantados, ainda que lutem continuamente pela vida. Aprendizados tecidos e crocheteados pela arte de aprender / produzir / criar / gerar e compartilhar / dividir / doar, circular... Encruzilhadas de sentidos, de aprender e compartilhar saberes, para nos curarmos, pois vivemos em um mundo doente. Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral, grifos meus), nossa ancestral encantada, nos ensina que desde as cosmopercepções africanas:

A gente vive o tempo todo num processo de autocura e interagindo com o outro. Curando e sendo curado. Então, quando se joga capoeira, quando se dança o candomblé, quando se dança o samba a gente tá interagindo e a gente está segurando, esse é um processo de cura. A gente, mesmo que a gente diga assim: ah, estou saudável, não preciso de médico, mas a gente tá doente porque a gente vive num ambiente doente. Todo ambiente que tem injustiça, que tem discriminação, que tem exclusão é um ambiente doente. O mundo é doente. O mundo é doente quando não agrega, quando poucos têm muito e muitos têm nada. Isso é doença, isso é desequilíbrio, isso é a falta do equilíbrio do *Kalunga*...

A cura é comunitária! Pois, “uma pessoa, não é só uma pessoa, aquela pessoa tem de história, de ancestralidade, de tudo que vem até chegar naquela pessoa” (PINTO, 2018, fonte oral, grifos meus). Somos uma comunidade inteira. Só somos em comunidade: uma comunidade ancestral:

Não sou eu, não é você, é algo que transcende a mim, a você. Eles estão aqui presentes, essa minha ancestralidade que eu tenho preservada está aqui comigo. Mas, está aqui (no espaço), você não vê, eu não vejo, não toca, mas eles estão presentes hoje, da mesma maneira que há séculos atrás. Eu acredito! (Idem).

Eu acredito! Ouvir nossa ancestralidade é um ato de cura cotidiana, contínua... é preciso calar para ouvir, para dizer o que essa ancestralidade tem a dizer, a ensinar, a contar. É essa ancestralidade que nos prepara e nos ensina a lutar contra as grandes e constante ameaças que nos rondam, que rondam a nossa cultura. Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral), nos ensina:

Eu acho que a grande ameaça é a constante e as diferentes formas que ao longo dos séculos vem se expressando no sentido de fazer com que extermine a essência africana na humanidade, mas eles esquecem que com todos os trejeitos e jeitos que tem como ameaça de extensão disso tem algo que transcende o *mntu*, *os bantus* e faz aqui, ali, acolá como que eles sejam reatados, embora alguém venha e parte o elo. O elo pode estar partido visivelmente, mas invisivelmente o elo é inquebrável e podem existir nos meios, que eu não sei quantos e nem quais, mas que faz com que *mntus* reatem e formem novos elos nesse plano que a gente vive, contrapondo a essas ameaças. Nós somos ameaçados, mas cada vez que dois se juntam começa um elo inquebrantável. Eu acredito! É uma grande ameaça sim, mas a gente não tem que temer essas ameaças e deixar de criar os nossos jeitos que só nós podemos encontrá-los, ainda que não tenham em livros, ainda que não falem, ainda que nos neguem, a gente descobre. *Nzambi e os Inquices* põem em nosso caminho.

O invisível nos aponta os caminhos, as encruzilhadas que potencializam o nosso está no mundo, está inteira, conhecer-se. Pois, é fundante ser em vez de ter, posto que:

Quando você envereda pelo caminho de ter coisas, você é muito empobrecido do seu ser e quando tem ausência do ser, tem a ausência do autoconhecimento, da humildade, não da humilhação, mas da humildade de você ser grande sabendo ser pequeno. Eu, a minha máxima para a minha vida, porque **eu aprendi que só se é realmente grande é quando você sabe ser sempre pequeno**, você nunca tá no mais, quando você tá no mais você não presta para a vida, você tem, mas tem alguma coisa a mais, poderá ou não alcançar, mas sabendo que tem sempre algo mais e que diante do tudo e do todo, que pra mim é *Nzambi*, só ele é o tudo e o todo, ou ela, porque a gente sempre fala ele, de repente é ela [risada gostosa]. Isso é a visão ocidental, de repente não é ele e nem ela, é! É o mistério. [...] vive mal quem não acredita em mistério... Ciência para mim já era, ciência tem que explicar tudo, tem coisas que você acredita ou então já era. **A vida é um mistério. Viver é um constante mistério e cada um tem que descobrir o seu mistério do seu viver. Quando você começa a pensar nisso já é alguma coisa, já é alguma coisa.** (PINTO, 2018, fonte oral, grifos meus).

O cosmoencantamento é oriundo desse mistério, e é mistério. É desde cosmoencantamento que descobrimos nosso próprio encantamento, análogo ao mistério da vida que nos dá sentido, que nos implica e nos ensina a sermos pequenas. O mistério tece nosso modo de estar no mundo, é uma dança, uma transa, um abraço, a voracidade do conhecer, ser, aprender, ensinar, saber que nunca sabemos e que sempre podemos aprender mais. O cosmoencantamento é a teia que nos liga ao cosmo, ao universo, perpassado pela natureza e pela ancestralidade que há em nós.

Os aprendizados ancestrais femininos são as formas como nos relacionamos com o

mundo, como aprendemos a ouvi-lo e assim a nos ouvir, ouvir nossa intimidade, nosso coração, ouvir quem nos permite ser: as Outras pessoas, a natureza, a ancestralidade. Aprendizados que nos ajudam na cura contínua de nós mesmas, mas desde esse sentir / ser / fazer coletivo. Por isso, a busca contínua da desconstrução das injustiças, do racismo, do sexismo, da xenofobia, de todos os tipos de discriminação e exclusão.

In-conclusões ou poéticas ancestrais femininas

Sagrado é a escuta de nós mesmos, dos ancestrais que nos habitam
Sobonfu Somé.

Escrever filosoficamente desde os saberes ancestrais feminino é uma proposta de fortalecimento de nossa ancestralidade e potencialização do nosso viver, encantamento do mundo, cura, descolonização. Interrogamos a naturalização e universalização do privilégio masculino e como isso perdura enquanto ordem de pensamento e da própria existência... Potencialização do nosso viver, encantamento da nossa existência, pois o fortalecimento de nossa ancestralidade nos mostra que tradicionalmente somos oriundas de uma cultura tecida, crocheteada, bordada desde o princípio da senioridade, não se baseando em gênero ou na anatomia do corpo (ROCHA, 2018; OYĚWŪMÍ, 1997). A hierarquia é respeito e devoção à antiguidade e não a anatomia do corpo... hierarquia de saber / viver. Tempo também é sabedoria e respeito à natureza e a potência de corpos de sentidos, inteiros e assim encantados e ancestrais.

Não faz sentido, além de ser adoecedor, uma perspectiva destrutiva contar nossas histórias, nossos pensamentos e construções epistemológicas, distorcendo tradições baseadas em outros sistemas, como a Iorubá que está baseada na senioridade, criando hierarquias de dominação, exclusão, eliminação, que conta uma história inventada sobre nós.

A proposta defendida e apresentada nesse tear textual se implica na valorização, no respeito e potencialização de nossa ancestralidade africana... É uma abordagem plural e não pautada em gêneros, desse modo, privilegiamos o feminino, numa perspectiva de igualdade de direitos, numa perceptiva de saída de uma hierarquia machista, patriarcal. Feminino como plural, pois o feminino é materno! Assim, o feminino está em todas as pessoas.

O povo negro luta dia após dia, na sina cotidiana por modos de ser, pelo reconhecimento e respeito por nossas culturas que compreendem que dentro dessa luta a mulher negra é

um feixe de possibilidades e de força criativa, terra fértil que guarda a semente pronta para germinar, como a vida que se espalha, em plenitude total e

dinamismo incessante, oriunda de nossos antepassados, que a receberam de Olorum Deus supremo – para a comunicar e defender. É o direito de ser, de deixar de ser, consciência plena de cada um, do outro, de suas raízes e de sua história. (THEODORO, 1996, p. 142).

Desse modo, é fundante a escuta do ser-tão que há em nós, ouvi-lo é ser desde os sentidos, as energias que tecem nossa existência, nossas escrevivências, compreendendo o conhecimento como gestado e parido por experiências, trajetórias, histórias, vivências, assim, é necessário mergulhar em nossos corações, nossas emoções e ouvir seu ritmo (SOMÉ, 2003) para nos fortalecer. Ouvir / re-conhecer o *ser-tão* que há em nós é ouvir / re-conhecer o feminino que nos habita e assim perceber a sabedoria que renasce continuamente em nós *com vestes de diamante...*

Quem eu era

*Trazia comigo grandezas e sabedorias antigas
Coroa de rei, de rainha, de sacerdote e princesa
Conhecia os segredos das pirâmides de Gizé
Mas tudo foi dinamitado no troar dos canhões*

*Tiraram-me tudo
E na travessia dos mares em navios negreiros
Até da alma me tentaram despojar
Mas sou o Alfa e o Ômega na História da Criação*

*Dormem os ossos mortos em túmulos de área
Porque a minha alma insepulta navegou para além da eternidade
Onde a minha sabedoria será renascida
com vestes de diamante*

Paulina Chiziane – O Canto dos Escravizados

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Coordenação: Djamila Ribeiro. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.

BIDIMA, Jean-Godefroy. Da travessia: contar experiências, partilhar o sentido. **De la traversée: raconter des expériences, partager le sens.** *Rue Descartes*, 2002/2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Mulheres em movimento.** *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n.49, p. 117-133, dez. 2003.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte, Nandyala, 2018.

_____. **Não haverá filosofia africana a partir de um livro da Europa**. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/nao-havera-filosofia-africana-partir-de-um-livro-da-europa/>>. Acesso em: Janeiro de 2015.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

_____. Conceição Evaristo: “O que nós conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem”. Entrevista Concedida a Kamille Viola. **Revista Marie Claire**, maio de 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passage.html> . Acesso em: 26 de maio de 2018.

_____. **Olhos d’água**. 1. Ed., Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana contemporânea desde os saberes ancestrais femininos: novas travessias/novos horizontes. **Ítaca** n.º 36. Especial Filosofia Africana, 2020.

_____. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. 2019. 268p.

_____. Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento. Número Especial “Filosofia Africana: pertencimento, resistência e educação”: **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**. v. 10. n. 2 (2019a), p. 56-75.

_____. **Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades**. Fortaleza: Imprece, 2019b.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. In: **Revista Online**, postado em 18 de julho de 2019. Visitado em 08 de agosto de 2019. Vide: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE>

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CORDESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o Corpo: Teorias Ocidentais e Sujeitos Africanos. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PINTO, Makota Valdina. *Seja mestre de si*. 2018. Vide: <[https://www.youtube.com/results?search_query=TPSM Conexão%7C+Seja+mestre+de+si+-+makota+valdina](https://www.youtube.com/results?search_query=TPSM+Conexão%7C+Seja+mestre+de+si+-+makota+valdina)>. Acesso em: maio de 2019.

RIBEIRO, Ronilda. **Alma Africana no Brasil: Os Iorubás**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

ROCHA, Aline Matos da. **A corporal(idade) discursiva à sombra da hierarquia e do poder: uma relação entre Oyëwùmí e Foucault**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2018. 98f.

_____. **Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico**. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, 2014. 33f.

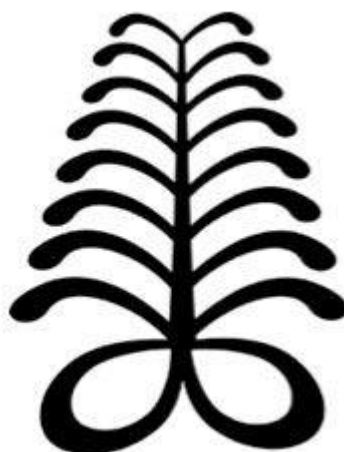
SIQUEIRA, Ana Carla de Abreu. Ser mulher na pós-graduação em filosofia. **Revista Lampejo**, v. 06, n 01. Páginas: 216 – 220. 2017.1. Disponível em: <http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-11-vol_6_n_1/015-SER_MULHER.pdf> Acesso em: janeiro de 2018.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. SP: Odysseus Editora, 2003.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996.

WERNECK, Jurema. Introdução. WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. Tradução de Maísa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

WHITE, Evelyn C. Apresentação. In: **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). Tradução de Maísa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.



AYA⁵

⁵ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.